

ARI CUNHA

Já quase quarentona, a cidade tem detratores

Quando Brasília chega aos 34 anos, a gente até ri, ouvindo alguém falar no retorno da capital. Essa história é tão velha quanto a cidade e, quem tem filho e neto nascidos aqui, só pode depreciar a qualidade intelectual dos que adotam semelhante postura.

Primeiro, foi quando Juscelino ainda era presidente. A UDN não se conformava com a mudança da capital da República. Não era para menos. Foi um deputado udenista o autor do projeto marcando a data da inauguração de Brasília, por sinal um Caiado. Jânio não aceitava a cidade, mas aqui ficou durante todos os seus sete meses. Tinha depressão no pôr-do-sol. Jango voava muito, e não ligava para o assunto. Depois, os governos militares foram obrigados a "engolir" Brasília. É que militar é mais responsável do que político, e eles se sentiram na obrigação de obedecer ao Orçamento. E foi assim que a construção civil não parou no Planalto Central. O Setor Militar Urbano manteve as empresas "vivas" durante muito tempo.

Hoje, mais uma vez, o assunto volta à baila para provocar risos. Até um filho de Lucas Lopes defende a distribuição dos ministérios pelas cidades conforme a sua ocupação. Não faltava mais nada. E, como laranja madura na beira da estrada, Brasília continua. Podem falar de longe, mas ninguém chega perto para efetuar o retorno. Uma ministra tentou timidamente a primeira operação. Perdeu o cargo e a credibilidade.

Ilha da fantasia para uns, paraíso para outros, ainda é o melhor lugar para se morar no Brasil. Dizem que não tem esquina, não tem bares para bate-papo e o povo não se encontra. Quando falam que não tem vida cultural, passa por aqui a Orquestra de São Petersburgo, para calar a boca dos maldizentes.

Deste jeito, está bom. Deixa que eles falem. Será sempre melhor para nós.